

## Até que enfim

Com a redução da taxa Selic de juros anunciada pelo Banco Central nesta semana –a menor das últimas décadas desde a criação do Comitê de Política Monetária (Copom) –o mercado começa a sinalizar grande impacto na vida financeira dos brasileiros. Pela sua importância, o índice influencia outros indexadores responsáveis pela medição da inflação e do dia a dia do mercado financeiro e, ainda, servirá de parâmetro para os bancos determinarem a taxa de juros dos empréstimos diários que são estratosféricas e irrealistas levando-se em conta a inflação oficial.

No nível fixado de 4,25% ao ano, o BC também anunciou o fim do ciclo de redução de juros e enfatiza que seus próximos passos continuarão dependendo da evolução da atividade econômica, do balanço de riscos e das projeções e expectativas de inflação, visando a recuperação sustentável da economia. Essas metas divulgadas criam certo otimismo para os investidores e os capitais que procuram países com oportunidades que contenham controle dos gastos públicos e da inflação. Falta apenas maior rigor no cumprimento dos contratos e diminuição da burocracia.

Este novo momento econômico nacional anima o mercado de investidores produtivos e para o bem geral da nação, desestimula o investimento especulativo, o dragão que já devorou grande parte da riqueza nacional e atrapalha o nosso crescimento. Para os analistas das grandes multinacionais e dos mercados financeiros esta é a melhor ocasião de migração para investimentos produtivos, estes sim, geradores de emprego e renda, a locomotiva do desenvolvimento.

Como exemplos práticos de que a baixa dos juros pode propiciar ao nosso país e ao mercado, podemos enumerar sintomas benignos como a redução do custo das habitações e dos financiamentos favorecendo o comprador, e que ajudam a ampliar o mercado de consumo desses bens, e de contrapartida, promovem a alavancagem da cadeia produtiva da construção civil, aumentando o número de postos de trabalho de menor qualificação profissional e gerando maior riqueza com o aumento de unidades dos imóveis construídos e vendidos no mercado.

Aproveitando essa nova janela aberta, com os juros baixos, as famílias consomem mais. Com a grande procura por bens e serviços, as empresas aumentam a produção, ampliando a empregabilidade e adicionando valor à renda das pessoas, criando um ciclo que beneficia o mercado, o consumo e a poupança, expandindo o potencial de investimentos em todos os setores produtivos.

Mesmo assim, com os juros em queda, o custo do dinheiro tanto para o cliente comum como para os negócios, está fora da realidade. Para as empresas chegam a 100% ao ano e para o correntista do banco que infelizmente precisa utilizar o cheque especial para honrar compromissos domésticos como educação e saúde, chega ao absurdo de mais de 300% ao ano. Esses fatores acabam repercutindo no custo Brasil e tornam as vidas do trabalhador e de quem produz muito amargas.

Pela análise da CNI benefícios como a redução dos custos dos financiamentos, o corte da burocracia, a modernização da infraestrutura, os investimentos em inovação e na formação de trabalhadores e o acesso ao custo do capital têm que fazer parte das demandas do governo. A

esse pacote é necessário incluir a reforma tributária e do Pacto Federativo para que se possa criar um país mais dinâmico e onde suas cidades e estados tenham menor dependência de Brasília.

Para todos os que contribuem para o crescimento do país a percepção de continuidade dessa agenda de reformas afeta as expectativas e projeções macroeconômicas correntes. As intempéries surgidas, principalmente da China com a contaminação da população com o coronavírus, impactaram o mercado mundial. Mesmo com esse cenário externo, apesar de acomodar algumas incertezas que repercutem nas economias emergentes, os países ainda mantêm política monetária controlada que permite produzir ambiente relativamente favorável.

Falta trazer o câmbio para patamares condizentes e que não influenciem a estabilidade da inflação e promover políticas estimuladoras para a atração de investimentos estrangeiros e do crescimento econômico. E como proclamam todos os monetaristas da nação que é vital incentivar o crédito para o país voltar a crescer, igualmente é urgente que sejam traçadas linhas de financiamento adequadas a essa nova realidade de juros de primeiro mundo praticadas no Brasil. Falta apenas cutucar as grandes corporações financeiras avisando que ninguém suporta mais as taxas exorbitantes que dificultam o ambiente de negócios e o dia a dia dos brasileiros.

Neste novo panorama é preciso construir trajetória para o mercado de crédito e de capitais. Senão podemos perder essa oportunidade única de taxas de juros tão pequenas que quase duas gerações de nativos desta nação nunca presenciaram. Uma situação que nos faz indagar quando a parte boa dessa benfeitoria financeira efetivamente será incorporada à economia brasileira?

Temos que ser perseverantes para acreditar que até que enfim chegou a nossa vez de conviver com as taxas de juros normais praticadas em qualquer país civilizado.

### **Edilson Baldez das Neves**

Presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão-FIEMA

Vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria -CNI